

## ASPECTO DIALETAL DO PORTUGUÊS DO BRASIL

PROF. SILVEIRA BUENO

Catedrático de Filologia Portuguesa da Universidade de São Paulo.

Desembarcando na Bahia, tive de ir ao telégrafo para utilizar-me de seus serviços. Grande era o número de pessoas aí presentes e todos nós nos impacientávamos com a morosidade do empregado que a ninguém podia atender por falta de trôco. Um dos mais insófridos, rapaz baiano, não se conteve e exclamou: “Isto é *Brasiu!*” Não se exasperou o empregado que lhe respondeu evangêlicamente: “O sr. é muito *amáveu!*” Os passageiros do sul notamos êste fenômeno da pronúncia baiana, esta vocalização do *l* uvular ou gutural e muitos lhe acharam até graça. Já em 1939, quando estive em Salvador, havia observado o modo todo peculiar com que os vendedores de jornais apregoavam nas ruas “*Jornau Imparciau*” e de um hóspede do hotel que pedia um pouco mais de “*sau*” para o seu paladar. Será isto um traço fortemente dialetal, uma peculiaridade do português falado na Bahia, a mais antiga província brasileira? Não, porque até mais acima, no Ceará, me foi dado notar a mesma vocalização do *l* gutural e no Rio de Janeiro, onde predominam os nortistas bem como em São Paulo, talvez, pela mesma causa.

Tal fenômeno fonético nada tem de dialetal, não representa peculiaridade do português no Brasil, pois, é comum a todo o território da România Ocidental e, quero crer, que já foi de tôda a România, havendo numerosa documentação em latim, não só vulgar, mas também clássico, na pena dos mais ilustres poetas de Roma, como Vergílio. Nos documentos latinos da era cristã, desde o III século, especialmente, desde o IV, já se encontram exemplos: *cauma*, *sauma*, *caucus*, *cauculus*, *cauculator*, *pauculus* por *calma*, *salma* (*sagma*), *calculus*, *calculator*, *palculus*. De *cauma*, pela passagem do ditongo *au* a *ou* e subsequente monotongação, tivemos *coma*. *Pauculus* encontra-se no próprio Vergílio, portanto, no mesmo latim literário. A existência dêste *l* gutural, em latim, nos é atestada pelo gramático Consentius, do séc. V, que distingue entre *l* “*exilis*” e *l* “*pinguis*”, representando êste último pela gemação do símbolo *ll*. Já Plínio fazia referências a um *l* “*plenus*”. Battisti (Avviam. § 115) ensina que a vocalização do *l* gutural era fenômeno do ramo itálico, comum ao osco e ao úmbrio. A opinião de Lindsey-Nohl de que nos dialetos do Lácio, na Sabina, Marca, Pompéia, o *l* gutural se tenha transformado em *n* (*muntu*, *cuntellum* = *multum*, *cultellum*), opinião de que parece participar o mesmo Battisti, não merece ser aceita e pode ter outra explicação, mormente, comparado o fenômeno com o seu semelhante em português. A nasalação foi posterior: deu-se primeiro a vocalização, seguiu-se a monotongação e finalmente a nasalação, como se pode ver neste processo: *multum*/*multu*/*muito*/*munto*. Existe esta forma em português? Sim, tanto em Portugal cujos documentos epigráficos atestam apenas o resultado final: *muntu*. *Cauculator* já

está no edito de Diocleciano. *Cauculus* aparece em Filástrio e Oribásio. *Caulas* de *calpe* encontra-se em Gélio. *Caucus* por *calcus* é outro exemplo de Oribásio. O grecismo cristão: *colaphizare* dá, em germânico, *kaupatjan*. Sidônio Apolinário empregou, no séc. V, *cautam* por *caltha* e *Charibaudus* por *Charibaldus*. (C. Battisti-Avviam — § 115).

Foi justamente esta tendência fonética de vocalizar em *u* e também em *i* o *l* gutural que fecha sílaba, seja medial, seja final, que propiciou ao português palavras como *muito* (*multum*), *outro* (*alterum*), *outeiro* (*altarium*), etc. Tal tendência do latim vulgar fez-se sentir em tôda a România, com exceção, talvez, da Rumânia. Documenta-se em provençal antigo: *eu* (*el*), *liau* (*leal*), *nadau* (*nadal*), *Vidau* (*Vidal*), *hostau* (*hostal*), *leyau* (*leyal*), *virgeu* (*vergel*). *Lienig* (*Grammatik der Leys d'Amors*) pensa que o fenômeno surgiu no século XII, mas Anglade prova-nos que muito antes, já nas poesias do Conde Guilherme se encontravam tais vocalizações. Em francês o plural moderno de *als* em *aux* (*chevals* = *chevaux*) não é nada mais do que a aplicação dessa tendência fonética. Palavras como *aube*, *paume*, *psaume*, e tantas outras, reproduzem o latim *alba*, *palma*, *psalmum*, êste do hebraico através daquele. Em castelhano se passaram os mesmos fenômenos que ainda o português conserva, continuando depois a série dos desenvolvimentos próprios desse idioma: *multum*/*muito*/*mucho* e ainda hoje *muy*, *vuitre* (*vulture*), *buitre*; *taupa* (*talpa*)/*toupa*/*topa*, em forma masculina *topo*. Esta mesma palavra deu-nos *toupeira* (*talparia*), *taipa* de *talpa*. (M. Pidal — Gram. Hist.) — No sardo, sobretudo, no dialeto de Cagliari, *mele*, *mola* passaram a *meui*, (*mewi*), *moua* (*mowa*). Em outros falares da Sardenha não se deu a vocalização porque o *l* passou a *r*. (La Língua Sarda. — M. L. Wagner — pg. 316). No rumeno, a vocalização preferiu *i* a *u*: *cal*, cavalo, faz o plural *cai* e *copil*, criança, *copii*, crianças; *val*, vale, *vai*. No toscano literário de hoje não encontramos o fenômeno da vocalização do *l* gutural; vive, porém, em muitos dialetos, como no florentino, no pistoiense, no pisense, no luquês, como se prova por exemplos: *aitri* (*alteri*), *moito* (*multum*), *ai re* (*al rè*), *vause* (*valsi*), *fauce* (*falce*). (Meyer Lübke — Gram. Storica — 105, nota). No catalão antigo a vocalização foi comuníssima e ainda se conserva em alguns dialetos: *moutó* (*multone*), *deume* (*delme*), *raiu* (*rail*), *fauda* (*falda*), *auzina* (*ilicina*), *alba* (*alba*), *paupar* (*palpare*), *autar* (*altar*), *autre* (*alterum*), *mout* (*multum*). Nas Baleares, o artigo árabe *al* passou a *au*: *aubarda* (*albarda*), *aubercoc* (*albricoque*), segundo nos atestam Fouché e Moll (Gram. Hist. Catal.) — A língua literária, mas sobretudo, a língua imposta pela escola, portanto, a corrente entre os que estudaram, refez tôdas estas vocalizações que a histórica do catalão conservou.

No galego de que fez parte o português, foi comuníssimo o fenômeno fonético de que nos ocupamos. Basta percorrer os numerosos exemplos atestados por García de Diego em sua "Gram. Hist." e também no seu "Manual de Dialectología". Citamos apenas alguns: *outo* (*alto*), *souto* (*salto*), *outro* (*alterum*), *escoupro* (*scalpru*), *moito* (*multum*), *fouce* (*falce*), *coitelo* (*cutellu*), *douce* (*dulce*), etc. Muitos destes exemplos são ainda os correntes em nossa língua. De tudo isto concluímos que o fenômeno observado, especialmente, na Bahia, mas comum a todo o norte do Brasil, já corrente no Rio de Janeiro e S. Paulo: *Brasiu*, *amáveu*, *sau*, *jornau*, *imparciau*, não constitui

dialetação alguma e muito menos peculiaridade do português do Brasil. É a continuação de uma tendência fonética originária já do latim e por êste herdada a tôdas as línguas românica. Se o ensino oficial, se a influência literária ou outras causas conseguiram restaurar a forma primitiva e neutralizar a continuação desse fato fonético, não apresentam valor para a história do foneticismo românico e, no caso especial nosso, do português. Por tudo isto já vemos como não é real a afirmação de Piel quando escreveu que tal vocalização do *l* gutural em *u* ou *i* se extinguiu antes da invasão germânica da Lusitânia porque o não encontrou nos topónimos de tal origem. Na revista "Biblos", VIII, escreveu o ilustre Professor de Coimbra que a passagem de *l* gutural a *u* terminou num período pregótico porque a onomástica desta origem não testa essa vocalização. Em geral, os topónimos e até os antropónimos escapam às leis gerais da fonética por serem mais raros, de uso menor e ficarem imobilizados na sua forma primitiva por serem nomes de lugares, de pessoas, etc. Os fatos do português do Brasil provam que tal fenômeno não só se extinguiu, mas, continuam ainda vivos em nossa fala. Por êste fato e muitos outros o estudo do português do Brasil é essencial: mostra que muitas dessas alterações, que em Portugal já desapareceram, permanecem entre nós.